

E SARNEY AINDA CONFIA

Confia, mas está preocupado com a possibilidade de perder um ano de mandato na votação deste domingo na Comissão de Sistematização. Para conseguir os cinco anos, faz ameaças ("Quem preferir quatro é meu inimigo"). Ameaças que seu porta-voz confirma e os parlamentares condenam. E o pior (para Sarney): diante desse constrangimento, quem está indeciso pode optar pelos quatro anos.

Ainda não estão bem definidos os números sobre a preferência dos constituintes a respeito do tamanho do mandato do presidente Sarney. Mas diz ele estar confiante de que conquistará os cinco anos na votação marcada para domingo. E acredita ter argumentos para isso. "Quem preferir quatro anos é meu inimigo", desafiou ele ontem, durante um encontro no Planalto onde reuniu ministros e parlamentares do Centrão. E emendou: "Os que votarem a favor da duração de quatro anos para meu mandato estarão levando o problema para o terreno pessoal, contra mim".

Mesmo relatando tais ameaças e desaforos presidenciais, o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ) garantiu que o encontro de ontem foi "eufórico". Mais tarde, contudo, Coimbra decidiu reavaliar a classificação que dera à reunião em que se avaliou seriamente as chances de vencer o mandato de cinco anos: "O encontro foi descontraído, alegre e animado". Embora não tenha havido uma terceira avaliação do encontro, Coimbra se manifestou preocupado com o resultado da votação — e disse que Sarney está conversando pessoalmente e por telefone com parlamentares de todos os partidos para pedir os cinco anos, deixando para mais tarde o problema sobre sistema de governo.

Pelas informações do porta-voz presidencial, Frota Neto, Sarney decididamente não está eufórico nem animado. Sem procurar disfarçar o tom de ameaça, Frota Neto foi muito claro: cada voto contra o mandato de cinco anos na Comissão de Sistematização será interpretado pelo presidente como um ato de hostilidade, uma declaração de guerra. "E todo rompimento tem suas consequências", advertiu o porta-voz. "Nós não podemos manter a permanência dessa situação, que eu diria intolerável".

Como situação intolerável o porta-voz identifica a permanência no governo daqueles que com ele não têm identidade política. "Os que discordam do presidente que tomem a iniciativa do rompimento ao votar contra os cinco anos", desafiou novamente. "A votação na Sistematização será uma identificação definitiva de posições."

"Isso é fisiologismo mesmo", reco-

neceu ontem uma fonte presidencial. E justificou que Sarney terá de se valer de todos os instrumentos de que dispõe para impedir a redução de um ano de seu mandato. A partir de tal justificativa a mesma fonte adiantou que, já na próxima semana, o governo tornará sem efeito qualquer benefício direto ou indireto àqueles que votarem pelos quatro anos.

Quem participou da reunião de ontem no Planalto saiu convencido de que Sarney não será mesmo tolerante com os que o desafiam. Havia, porém, alguns descrentes. "Vamos conferir", disse um deles. "Pelo que tem feito, o presidente é o rei dos vacilantes. Tomara que não continue a prestigiar os que não o ajudam em nada."

Contra-Ataque

As respostas às manifestações do porta-voz chegaram rapidamente. O senador José Richa (PMDB-PR) as classificou como "infelizes" e "inoportunas": "Quem ainda tinha dúvidas vai se posicionar a favor dos quatro anos, decretando a antecipação da sucessão presidencial já na Sistematização". E Richa ainda disse mais: "O País pode chegar a uma crise política de consequências imprevisíveis, com desdobramentos para a área institucional, tudo por causa da indecisão e insensibilidade do presidente".

O líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, concorda. "A ameaça indevida e ridícula do porta-voz acabará aumentando os votos favoráveis aos quatro anos", ponderou. "Quem aceitará votar na constrangida situação de ser considerado inimigo do governo ou de ter apoiado os cinco anos por estar com medo de ameaças?"

As ameaças do porta-voz chegaram a perturbar a ordem, ontem, na Sistematização. O líder do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso, foi conversar com o líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna, e dele indagou se eram mesmo verdadeiras as ameaças: Sant'Anna procurou se esquivar; disse que não assistira o noticiário de tevê, mas ficou de confirmar.

Fernando Henrique insistiu. Considerou o "destemper" de Frota Neto como "inoportuno" e "desnecessário": "O governo está fraco e, na realidade, não tem condições de intimidar ninguém. A Constituinte não pode ter sua soberania ameaçada por ninguém — nem pelo presidente da República".

Números

As listas sobre as tendências dos parlamentares em relação à duração do mandato estão todas em poder de Sarney, que exibiu ontem aos Constituintes que reuniu no Planalto. Daso Coimbra as examinou e concluiu que os números favorecem os cinco anos com pelo menos 50 dos 93 votos da Sistematização. Carlos Sant'Anna, Ricardo Fiúza, Saldanha Derzi, Gerson Camata e os demais concordaram. "Se a regra geral é mandato de cinco anos, querer reduzir o mandato do atual presidente seria um ato de traição", comentou Fiúza. "As coisas estão melhorando", festejou Sant'Anna, informando que as previsões já são favoráveis aos cinco anos, embora reconhecendo que, em sua listagem, figuram alguns nomes considerados "duvidosos".

Ontem à tarde, em ocasiões diferentes, o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) e o deputado Delfin Neto (PDS-SP), que defendem os quatro anos, chegaram a admitir que a atual preferência na Sistematização é pelos cinco anos, embora com pequena margem. O quadro, contudo, poderá mudar, dizem, se o ministro Aureliano Chaves interferir, pedindo votos no PFL para confirmar as eleições em 1988.

As previsões sobre o que poderá acontecer na votação deste domingo são as mais variadas. Mas o senador José Richa garante que as estimativas do Planalto são infundadas. O deputado Daso Coimbra não concorda. Diz que Sarney chamou ao Planalto justamente os parlamentares que gostam de fazer cálculos e prognósticos de votação — e todos concordaram que os cinco anos vão passar. Mas mesmo manifestando sua crença nessa possibilidade, Coimbra não parece muito tranquilo: "É preciso ganhar agora. Seria trágico se o presidente perdesse na Sistematização, pois também perderia o plenário".



As muitas quedas de um colecionador de fracassos

Desde o fracasso do Plano Cruzado, a presidência da República deixou de editar o "Livro dos Feitos", idéia concebida pelo Serviço de Comunicação do Palácio do Planalto para tornar públicas as realizações do governo. Eram edições caras, mas não foi por economia que desapareceram, e sim pela constatação de que os feitos eram bem menores do que as frustrações do presidente José Sarney.

Sarney começou a colecionar fracassos a partir do Plano Cruzado, quando viu sua imagem despencar da popularidade quase unânime de todo o País para o descrédito total, que provocou uma crise de autoridade com raros precedentes na história da República. Costuma-se dizer no Planalto que "o presidente está só". Ele próprio já denunciou essa situação em várias oportunidades em que concedeu entrevistas à imprensa, ou nos pronunciamentos pela televisão e rádio.

Descendo os degraus da impopularidade e falta de autoridade o presidente Sarney viveu episódios memoráveis, como as tentativas de aplicar a Lei Delegada nº 4 para forçar os pecuaristas a abaterem seus bois e abastecerem o mercado; e os embates fracassados na luta contra a cobrança de ágio. Tentou promover um amplo programa de privatização, incentivado muitas vezes pelo secretário e genro Jorge Murad, e também fracassou. Não apresentavam resultados palpáveis os projetos de reforma administrativa, como também não avançou o programa habitacional que salvaria a classe média do despejo. A crise rolou até o momento de os empresários da holding da Ford e Volkswagen, a Autolatina, tomarem uma posição unilateral de desrespeito às regras de controle de preços de automóveis baixadas pelo governo. Nesse episódio, nem o Judiciário se entendeu com o Executivo.

No campo político, o presidente Sarney mostrou-se inábil quando se viu ameaçado pelo sistema de governo parlamentarista e o movimento, cada vez mais crescente, pró-redução do mandato de cinco para quatro anos, antecipando as eleições gerais para o ano que vem. O consultor-geral da República, Saulo Ramos, serviu, por algum tempo, de porta-voz para bombardear a Constituinte, provocando reações de descontentamento até em tradicionais aliados do governo. A situação está sendo contornada, agora, pelo ministro da Habitação e Urbanismo, Prisco Viana, numa última tentativa para respaldar politicamente o presidente nessa questão.

Na opinião de vários assessores palacianos, que preferem não se identificar, o mal de Sarney foi ter provocado expectativas demais na classe política e na sociedade. Em outubro passado, quando se esperava uma reforma ministerial "ampla e profunda", no meio de uma grave crise de relacionamento do presidente com o PMDB, apenas cinco Ministérios tiveram seus titulares trocados.

A passagem de Sarney pelo Palácio do Planalto já mereceu comparações com vários momentos da história da República. Ele rechaçou as fórmulas populistas mas prometeu reformas como as que Getúlio Vargas promoveu no País; depois, passou a se espelhar no dinamismo de Juscelino Kubitschek, que queria fazer o Brasil crescer 50 anos em cinco. Nesse meio tempo, Sarney recebeu de presente o livro "Lincoln", do norte-americano Gore Vidal. Tal foi a influência que exerceu sobre ele que, ao saber ser da autoria dos grandes estadistas norte-americanos a inscrição "In God we trust" ("Nós acreditamos em Deus") nas cédulas de dólar, mandou imprimir no cruzado brasileiro a frase "Deus seja louvado".

No entanto, os fatos atropelaram o presidente da República, levando a outras comparações históricas, segundo as quais Sarney não pode aspirar nem a Getúlio nem a Juscelino; no máximo, a Café Filho, que assumiu o governo em 1954 depois do suicídio de Vargas. Os dois têm muito em comum: tomaram o comando do poder com o País mergulhado numa crise político-institucional; ambos chegaram à condição de presidente da República por estarem na vice-presidência, em situação dramática (Café pelo suicídio de Vargas e Sarney pela morte de Tancredo Neves), e, finalmente, ambos são nordestinos — o primeiro do Rio Grande do Norte, o segundo do Maranhão. Café Filho se notabilizou também pelas vacilações e insegurança em momentos decisivos para o País.